

Como a avaliação formativa (digital) pode servir professores, alunos e pais no contexto da COVID-19

Dylan William, *Professor Emérito de Avaliação Educativa, UCL Institute of Education, RU*

Nos últimos 50 anos, a investigação em educação e psicologia fez grandes avanços para ajudar-nos a compreender as melhores formas de ensinar os nossos alunos quando estes se encontram à nossa frente - o que por vezes é designado de ensino “cara-a-cara”. Também aprendemos muito sobre as melhores abordagens ao ensino à distância, suportando os materiais impressos com apresentações áudio e vídeo.

No entanto, o encerramento de escolas em todo o mundo em consequência da pandemia do novo coronavírus apresenta-nos desafios completamente novos. A disponibilidade generalizada (embora não universal) das tecnologias oferece-nos ferramentas importantes para aquilo a que Paul Kirschner chama “ensino à distância de emergência”, mas a maioria destas ferramentas são tão novas que temos poucas provas sobre como melhor as utilizar. Não obstante, o que podemos fazer é utilizar o que sabemos em geral sobre a forma como os humanos aprendem e tentar utilizar estas ideias da melhor forma possível, através do uso das tecnologias digitais.

Talvez o mais importante a ter em consideração é que o bom ensino começa onde os nossos alunos estão, e não onde gostaríamos que eles estivessem. Parece óbvio, mas na prática é extremamente complexo, porque os processos pelos quais as nossas experiências são traduzidas, a longo prazo, em reforços da capacidade, são bastante misteriosos.

Afinal de contas, se os alunos aprendessem o que lhes ensinamos, não haveria necessidade de avaliar. Poderíamos apenas registar todas as coisas que lhes tínhamos ensinado, tendo confiança que todos tinham aprendido o que foi lecionado. No entanto, todos os professores sabem que isto não é verdade. Todos já passaram pela experiência de ensinar algo a um grupo de alunos, e estes aparentarem ter compreendido. São capazes de reproduzir as principais ideias no final da aula, e talvez até na aula seguinte. No entanto, duas semanas depois,

parecem ter esquecido tudo.

Os psicólogos descrevem esta situação como questões de aprendizagem e desempenho. A aprendizagem é a mudança na capacidade a longo prazo que procuramos produzir nos nossos alunos e o desempenho é a forma como os nossos alunos concluem um exercício de aprendizagem. Muitos professores assumem que se os alunos completarem satisfatoriamente um exercício que tenha como objetivo ensinar algo, os alunos estarão, de facto, a aprender o que quer que fosse esse conteúdo. Mas, muitas vezes, não é isso que acontece. Os alunos podem concluir com êxito um exercício e, duas semanas mais tarde, lembrar-se pouco ou nada do exercício. Pelo contrário, os alunos podem ter muita dificuldade em realizar o exercício, e, ainda assim, recordarem-se dos conteúdos semanas mais tarde.

É por isso que a avaliação é o principal elemento de um ensino eficaz; a avaliação é a ponte entre o ensino e a aprendizagem. Apenas se avaliarmos os nossos alunos poderemos descobrir se o que foi ensinado foi assimilado. Algumas pessoas preferem não utilizar a palavra “avaliação” neste contexto, porque tem uma conotação de processos formais, tais como testes e exames. Neste contexto, é dada preferência à expressão “verificações frequentes para a compreensão”. No entanto, encarando a “verificação da compreensão” explicitamente como um processo de avaliação, é importante examinar a qualidade das provas que os professores possuem para tomar decisões sobre o que fazer em seguida. Mais concretamente, é necessário refletir sobre a profundidade das provas (as nossas perguntas revelam realmente o que os alunos estão a pensar?) e a amplitude (estamos a obter provas



de todos os alunos ou apenas daqueles que têm confiança e à vontade para partilhar connosco o seu pensamento?).

Quando os professores estão a ensinar online, ou em contextos híbridos, a utilização da avaliação para melhorar o ensino e a aprendizagem - que geralmente é designada de “avaliação formativa” - é particularmente importante por uma série de razões. Em primeiro lugar, os sinais com que contamos, tais como as expressões faciais dos alunos, estão ausentes ou são mais difíceis de ver pela Internet. Em segundo lugar, quando estamos a ensinar online, as experiências dos nossos alunos são muito mais variáveis. É muito mais fácil ver se os alunos estão a prestar atenção quando estão na sala de aula connosco do que quando são pequenas imagens num ecrã de computador. Em terceiro lugar, devido aos inevitáveis atrasos de tempo que acontecem com a comunicação online, as interações normais que temos com os alunos em situações presenciais são muito mais sensíveis no ensino online.

O ensino à distância de emergência nunca será tão eficaz como o ensino presencial, mas os estudos que temos sobre o que torna a avaliação formativa eficaz em cenários presenciais pode ser aplicado com relativo sucesso a um contexto digital.

Em primeiro lugar, devemos assegurar-nos de que concebemos bem as nossas perguntas, de modo a que seja altamente improvável que os alunos respondam corretamente se tiverem uma ideia errada. Por exemplo, sabemos que muitas crianças pequenas pensam que todos os seres vivos se movem, por isso, se lhes perguntarmos entre uma pedra ou um gato qual é o ser vivo, os alunos com essa ideia errada dar-nos-ão a resposta correta, mesmo que não saibam realmente o que é um ser vivo. Se, em vez disso, lhes perguntarmos entre uma árvore ou um autocarro qual é o ser vivo, os alunos com essa mesma ideia errada vão-nos dar respostas incorretas. É fundamental que os alunos com o pensamento correto e os alunos com o pensamento incorreto nos deem respostas diferentes!

Em segundo lugar, deveríamos sistematicamente obter provas de todos os alunos que lecionamos regularmente - sugeriria, pelo menos, uma vez a cada 20 minutos no ensino presencial regular e talvez ainda mais frequentemente em contexto online. Dependendo do software que estiver a utilizar, poderia pedir aos alunos que respondessem

através do chat. Para perguntas em formato de escolha múltipla, poderia utilizar uma sondagem ou pedir aos alunos que votassem com os dedos, por exemplo 1 dedo para a resposta A, 2 para a B e assim por diante. Para além de proporcionar ao professor informações sobre o nível de compreensão dos alunos, fazer estas perguntas no início de uma sessão, por exemplo para rever o que foi ensinado numa sessão anterior, torna a aprendizagem futura “mais marcante”.

Em terceiro lugar, incentivar os alunos, quando estão offline, a testarem-se a si próprios, utilizando aquilo a que chamo testes de “zero risco”. A ideia aqui é que os alunos recebem testes para se testarem a si próprios, mais tarde são-lhes dadas as respostas corretas, eles classificam o seu próprio trabalho e, a menos que o queiram fazer, não têm de contar ao professor o resultado. Os autotestes demonstraram ser uma das formas mais eficazes de assegurar que os alunos se lembram do que lhes foi ensinado. Se os alunos souberem que não têm de contar a ninguém o resultado, reduz-se a conotação negativa atribuída aos testes.

Em quarto lugar, os pais podem ajudar os seus filhos a consolidar a sua aprendizagem pedindo-lhes que elaborem algumas perguntas de teste, incluindo as respostas corretas, sobre o que têm estado a aprender. A elaboração de perguntas tem demonstrado melhorar substancialmente a aprendizagem. Ao examinarmos as perguntas que as crianças escreveram é possível verificar se o que pensam ter estado a aprender é o que realmente deveriam ter aprendido! Esta tarefa pode tornar-se mais interessante e complexa se pedirmos às crianças para escreverem perguntas mais fáceis e outras mais difíceis, forçando-as a pensar sobre o que torna uma pergunta fácil ou difícil, algo que poderá ter impacto na melhoria da aprendizagem a longo prazo.

O ensino online nunca será tão bom como o ensino presencial, mas se aplicarmos o que sabemos sobre a aprendizagem humana em geral, podemos tornar o ensino online e híbrido uma solução razoável, ainda que imperfeita, até podermos trazer de volta os nossos alunos às salas de aula.

